Como foi você, Geração 90?

Artistas brasileiros apontados por comissão como os mais interessantes da década exibirão suas obras no Paço

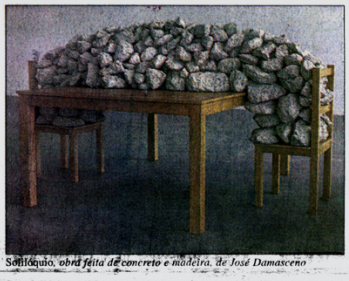
CRISTIAN KLEIN

Nada de tintas e pinceis. Ao contrário da Geração 80, marcada pela pintura, a turma dos anos 90 vai entrar para a história como a que produziu muitas instalações e objetos. Guimbas de cigarro, copos de requeijão, hóstias, vibradores, quase tudo foi apropriado pelos artistas que agora aparecem – senão na categoria de melhores – pelo menos como os mais interessantes da década. A lista, com 17 nomes, foi definida esta semana por uma comissão de artistas, críticos e uma galerista, a pedido do Paço Imperial, que realizará a exposição *Os 90*, a partir de 9 de dezembro.

A mostra toma a importância que teve *Como vai você, Geração 80?*, no Parque Lage, em 1984. Com a diferença que naquela exibição havia dezenas de apostas. E nesta há uma seleção. "Fizemos um balanço plural, com a visão elástica não só de críticos, mas também de artistas. A polêmica, pela ausência de alguns nomes, é inevitável. Mas não pretendemos esgotar as possibilidades", afirma Lauro Cavalcanti, diretor do Paço.

Cada membro da comissão apontou dois artistas, a partir de um único critério: ter realizado a primeira individual nos anos 90. Um terceiro nome foi indicado para o caso de coincidência. Depois de cruzadas as listas foram escolhidos Rosana Palazyan e Maurício Ruiz (por Luiz Áquila), José Damasceno e José Bechara (por Luiz Camillo Osório), Efrain e Márcia X (por Cláudia Saldanha), Cabelo e Raul Mourão (por Iole de Freitas), Eliane Duarte e Marcos Cardoso (por Anna Maria Niemeyer), Oriana Duarte e Marepe (por Fernando Cocchiarale), Elisa Bracher e Vânia Mignone (por Sônia Salzstein) e Franz Manata e Guilherme Machado (por Walter Sebastião). O último voto foi do Paço Imperial, que selecionou Ernesto Neto, "por fazer a ponte entre a Geração 80 e Geração 90".

O pintor Luiz Áquila direcionou sua escolha para os artistas que, na sua opinião, mais romperam com a Geração 80, tanto no conceito, na escala das obras, como na questão formal. Optou pelos bordados e as hóstias de Rosana Palazyan e os copos brancos com decalques de Maurício Ruiz. "É uma geração que tratou principalmente de três temas: o sexo, a religião e a morte. O problema da Aids, nos anos 80, ainda era uma coisa bastante recente, todos achavam que seria passageira, e só nesta década virou realidade do cotidiano", diz.



Soliloquio, obra feita de concreto e madeira, de José Damasceno

Para o curador mineiro Walter Sebastião, os anos 90 foram uma síntese do que se produziu dos anos 60 para cá. "São trabalhos que problematizam mas deixam espaços para a dúvida, não são trabalhos afirmativos", diz. Walter escolheu dois artistas de Belo Horizonte. "O Franz e o Guilherme tem uma alta comunicação com o público e uma enorme capacidade de formalizar idéias. E escapolem aos clichês", diz, destacando o trabalho de caráter sociológico, de Franz, e a pesquisa com chapas de raio X, de Guilherme.

Para Cláudia Saldanha, que acompanhou os primeiros passos de vários artistas da Geração 90, à frente do Espaço Cultural Sérgio Porto, o caráter autobiográfico das obras foi uma das grandes tendências da década. Por isso sua escolha recaiu sobre Efrain e Márcia X, que trabalham mitos como a sexualidade e a religião. "Eles não são os únicos, mas foram os que fizeram isso com muita inteligência e, no caso da Márcia, com bastante humor, utilizando objetos eróticos. O Efrain realiza um *link* entre o artesanal e a arte contemporânea, pegando referências de sua infância no Ceará. Filho de um marceneiro, ele talha em madeira. É um trabalho muito brasileiro, com consciência de que estamos no Terceiro Mundo, mas sem cair no regionalismo ou no exótico", diz.

O entusiasmo é compartilhado com Lauro Cavalcanti. "Acho que a produção plástica brasileira nos anos 90 atingiu um nível comparável à nossa arquitetura dos anos 40 e à música dos anos 60. Sem favor algum, ela é hoje uma das mais fortes do mundo, ao lado da americana, da inglesa e da alemã", afirma Lauro.

Interpretação visual de Cabelo (alto) para Ele me deu um beijo, *de Caetano. Acima, o escultor Raul Mourão*

Esculturas de madeira como a da paulista Elisa Bracher (acima), já podem ser vistas na Praça 15, perto do Paço. O novo trabalho de José Bechara, um dos poucos pintores da Geração 90, ganhará três dimensões no ano que vem

Reproduções

Acontece na fricção dos corpos (acima), *le Ernesto Neto, com feltro e pigmentos de urucum.* Ciranda cirandinha, *de Rosana Palazyan, remete à violência sexual*

QUEM SÃO ELES

Cabelo (RJ) – participou da última Documenta de Kassel, na Alemanha, em 1997. Tem um trabalho de instalações e performances. Abandonou faculdade de engenharia e cursou a Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage. Também é vocalista da banda Boato. Durante uma performance, em 1996, Cabelo (Rodrigo Saad) utilizou óleo e fogo para explodir um aquário com peixes.

Efrain Almeida (CE) – atua na fronteira entre o erudito e o popular. Talha pequenas esculturas de madeira, semelhantes a ex-votos. Filho de ex-seminarista, Efrain foi educado para ser padre. Detesta religião e utiliza imagens do universo do catolicismo para obter um resultado plástico e ao mesmo tempo autobiográfico. Nascido em Boa Viagem, cursou o Parque Lage e mora no Rio.

Eliane Duarte (RJ) – seu trabalho *Veste* causou polêmica ao receber o primeiro prêmio no Salão Nacional de Artes Plásticas, em 1994. Era uma mistura de pintura e escultura, feita de tecido, cera de abelha e pigmento. Chegou a ser considerada estranha demais e desagradável visualmente. Cria formas que, por vezes, lembram polvos e vísceras humanas.

Elisa Bracher (SP) – começou com gravura e atualmente faz esculturas monumentais, com grandes troncos de madeira, geralmente sextavados. Esses trabalhos podem ser vistos na Praça 15, perto do Paço Imperial.

Ernesto Neto (RJ) – desenvolve um trabalho com instalações elegantes, de grande impacto visual, como *Acontece na fricção dos corpos*, exibida na Light, ano passado. Interessado em física quântica, Ernesto pressiou vestibular para astronomia. Tem influências de Lygia Clark e Hélio Oiticica, a exemplo da interatividade de sua *Navedrome*, exibida na última Bienal de São Paulo. Com intensa carreira internacional, expôs na Bienal de Sidney, da Austrália, também no ano passado.

Franz Manata (BH) – instalações que exploram temas sociológicos. Em 1995, retrabalhou foto em que apareciam detentos, nus, à espera do banho. A imagem, que havia sido publicada em tamanho pequeno, numa revista, ganhou escala monumental e contornos de campo de concentração.

Guilherme Machado (BH) – fez instalações com radiografias, que revelam não o corpo humano, mas objetos, linhas e textos.

José Bechara (RJ) – pinta sem tinta e pincel. Seu trabalho consiste na oxidação de placas de aço sobre lonas de camurça e tela. Foi considerado como produção mais marcante em individual na Cândido Mendes.

José Damasceno (RJ) – artista de caráter conceitual, produz a partir de diversos materiais como carpete, ferro fundido, madeira e concreto, como na instalação *Soliloquio*, adquirida pela coleção Gilberto Chateaubriand.

Márcia X (RJ) – faz instalações e performances que utilizam objetos eróticos e brinquedos infantis.

Marcos Cardoso (RJ) – trabalhou na roça e foi pescador em Parati antes de chegar ao Rio. Analfabeto até então, cursou 1ª e 2ª graus e prestou vestibular para Belas Artes. Ficou conhecido com trabalhos feitos com guimbas de cigarro, recolhidas na rua e aplicadas sobre isopor.

Marepe (BA) – produção inspirada no universo popular, das feiras e dos vendedores ambulantes. Marepe (iniciais de Marcos Reis Peixoto) também utiliza materiais catados na rua, como latas de cerveja, caixas de cigarro e papelão. Apresentou filtros d'água em recente exposição no Itaú Cultural, em São Paulo.

Maurício Ruiz (RJ) – usa imagens e objetos pouco valorizados pela sociedade, como decalques de santinhos e copos de requeijão, associados ao gesso.

Oriana Duarte (PB) – faz instalações nas quais utiliza uma série de materiais diferentes como pedra, vidro, gaiola de passarinho e câmera fotográfica. Também é professora do Departamento de Design da Universidade Federal de Pernambuco.

Raul Mourão (Rio) – faz desenhos e esculturas. Foi premiado no 15º Salão Carioca de Arte, no Parque Lage, em 1991.

Rosana Palazyan (RJ) – sua primeira individual exibia hóstias que continham impressões de cenas de crime. Depois começou a bordar em tecido, sobretudo imagens de violência, em objetos que remetem a um universo singelo, infantil, como pequenos bonecos de pano.

Vânia Mignone (SP) – faz pintura, gravura, escultura e instalação. Mora em Campinas.

Fernando Rabelo

Mais Geração 90 na página 2